

Setor financeiro ganha outra vez

ANTÔNIO FÉLIX

O setor financeiro foi muito bem no primeiro semestre. Poucos bancos publicaram seus balanços, mas a amostra é suficiente para uma conclusão. "A rentabilidade do setor deve ter ficado entre 6% a 9% do patrimônio líquido", afirma Lázaro de Mello Brandão, presidente do Bradesco, o maior banco privado do País. O Bradesco chegou perto do extremo: o balanço divulgado na terça-feira mostra uma rentabilidade de 8,4%. Se o segundo semestre for exatamente igual ao primeiro — costuma ser muito melhor —, o Bradesco terá um retorno de 16,8% sobre o seu capital investido, já corrigido. Em 1988, segundo levantamento da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), a rentabilidade do setor foi de 12,4%.

Os bons resultados são fruto das altas taxas de juros vigentes no mercado financeiro logo depois do Plano Verão. O governo, para evitar uma euforia como a do Plano Cruzado, congelou os volumes de empréstimos bancários nos níveis de dezembro do ano passado. Impedidos de emprestar, até porque com os juros altos ninguém queria tomar empréstimo, os bancos acabaram

aplicando mais recursos em títulos públicos. "O que aborrece é que os bancos têm ganhos fora da sua atividade principal — emprestar à atividade produtiva", afirma Léo Wallace Cochrane Jr., presidente da Febraban. Em dezembro de 1984, os bancos destinavam 70,83% dos seus recursos para operações de crédito. Em maio deste ano, tais operações consumir apenas 26,27% dos recursos (ver gráfico).

Não há, contudo, opção. "A procura por empréstimos continua morna", afirma Brandão. Na verdade, aplicar em títulos públicos tem permitido obter lucros suficientes até para cobrir prejuízos contábeis, como os provocados, no semestre, pela correção monetária dos balanços. As medidas baixadas depois do Plano Verão determinaram que os balanços deveriam ter um mês a mais de correção. A correção gera normalmente, no caso das instituições financeiras, um valor deduzido do lucro. Como houve uma correção a mais, o valor a deduzir foi artificialmente maior. Não fosse a correção a mais, a rentabilidade do Bradesco teria sido de 10%. No caso do Banco do Brasil, o efeito da correção foi devastador: baixou o resultado a ponto de gerar uma grave crise interna (ver ao lado).